

A QUINZENA

PROPRIEDADE DO CLUB LITTERARIO

ANNO I

REDACÇÃO : JOÃO LOPES, A. MARTINS, ABEL GARCIA,
J. DE BARCELLOS E J. OLYMPIO.

N.º 2

FORTALEZA, 30 DE JANEIRO DE 1887.

SUMMARIO

EXPEDIENTE.—A MULHER CEARENSE—Abel Garcia.—
O BEM-TE-VI—Bruno Jacy.—ORIGEM DA PALAVRA CEARA—
Paulino Nogueira.—MARIA DE BARROS—Juvenal Galeno.—
MILTON E AS PHAS. S DE SUA VIDA—Dr. Guilherme Studart.

EXPEDIENTE

Aos nossos collegas da imprensa da provincia damos aqui testemunho do reconhecimento em que ficamos para com todos, pela fidalga gentileza com que acolheram o primeiro numero d'A QUINZENA.

Guardamos como um estimulo as expressões altamente lisongeiras que nos consagraram e procuraremos corresponder á franca sympathia e honrosa confiança com que nos distinguiram.

Aos numerosissimos cavalheiros que de boa vontade dignaram-se vir em nosso auxilio, inscrevendo-se subscriptores deste periodico, somos igualmente agradecido.

Pedimos desculpa a alguns dos nossos distinctos colaboradores aos quaes ainda nesta edição não polemos satisfazer, dando publicidade aos seus trabalhos, alguns de subido valor.

Entre outros artigos retirados por falta de espaço fica a secção—Os QUINZE DIAS.

A QUINZENA sahe ainda nesta 2.ª edição com alguns defeitos de forma que iremos corrigindo, como já o fizemos em relação a algumas faltas do 1.º n.º.

Brevemente contamos poder publicar materia muito mais abundante para o que já foi providenciado.

A QUINZENA publica-se duas vezes por mez.

Assignaturas

CAPITAL

Trimestre	2\$000
Semestre	4\$000
Anno	8\$000

INTERIOR E PROVINCIAS

Semestre	5\$000
Anno	10\$000

ADMINISTRAÇÃO

Rua do Major Facundo 56

A mulher cearense

I

Neste breve ensaio sobre o espirito da mulher cearense, expomos apenas o que se nos affigura sufficiente para a elucidação do assumpto e pôde ajustar-se à capacidade de um artigo de revista.

E' uma parca contribuição para o estudo da psychologia e do *modus vivendi* social da mulher nesta porção da patria brasileira. Dar-lhe-hemos mais amplo desenvolvimento, accumulando maior material de observações proprias e pesquisas directas, em trabalho posterior, de que a presente exposição é simplesmente um esboço.

Embora as affirmações, que vamos avançar, pareçam um prurido de innovações, nos espiritos amollecidos pela doçura da inactividade, que delicias-se alogados no *nirvana* da indifferença e estão sempre prestes a aguçar a ponta do estylo do desdem contra os portadores de quaesquer verdades, vêm ellas a publico escudadas com o prestigio da sciencia e a força de ideias bem accentuadas.

A critica historica dos acontecimentos humanos nesta provincia, explicando a sua marcha e as condições de *meio* em que se produziram, e a observação no actual momento evidenciam a differença que ha entre o caracter cearense e a indole dos demais habitantes do país. Facilmente se reconhecerá isto com fundamento verdadeiramente scientifico si attender-se à infinita variedade de agentes ou influencias locais, que têm aqui actuação sobre a vida humana.

Si é certo que as acções do homem são sempre influenciadas pelo meio que habita, por seu organismo e por suas aptidões adquiridas hereditariamente, convem explanar o processo pelo qual o typo physico e moral do cearense chegou a differenciar-se das feições caracteristicas dos brasileiros em geral.

No Ceará o homem é activo, arrojado e impressionavel. As fatalidades do meio deram-lhe às formas da vida a mais forte organização. Educado na luta, energico pela necessidade, tem mais de uma vez attestado brilhantemente o sentimento profundo de sua força.

Não basta-lhe a placidez da familia, a vida intima: ha em sua alma uma aspiração mais vigorosa, um apuro de sensibilidade que toca muitas vezes às raias da febre em que um nada mesmo o lança. Necessite a communhão cearense defender-se da implacabilidade dos elementos naturaes conjurados contra ella ou, cedendo ao movimento da civilização, ao impulso de novos sentimentos, procure apagar os derradeiros traços de uma instituição antipathica à sua indole democratica como a escravaria, elle mostra-se ahnegado até o sacrificio. O entusiasmo vibra em seu ser com a sonoridade do crystal. Então é apaixonado, tempestuoso, delixta-se conduzir nos vãos da imaginação vivaz e in-

stavel, use elle da força ou faça valer a razão. Isso caracteriza-o.

Rompa por entre os obstaculos naturaes ou sobrepuje os empecilhos e artificios oppostos pelo governo central que tem para elle a rispidez d'uma madrastra, parece que o cearense timbra em dar a todos seus actos a sancção do sacrificio.

A ardencia da natureza desta parte do continente sul-americano como que infiltrou nas feições physicas e moraes de seus filhos os traços rraes da virilidade e allivez de sentimento, que transparece nos seus usos e costumes, nas suas instituições, na sua pequena litteratura, na sua poesia popular tão vivamente colorida.

Situado 'num meio aliás fertil, mas periodicamente esterilizado por um accidente climaterico, o homem tem desenvolvido extraordinaria actividade procurando prover à sua subsistencia e precatar-se da acção dos phenomenos externos. 'Nesta luta muita vez reproduzida, reflectindo sobre as coisas e adquirindo, à custa de penosa experiencia, conhecimentos e arte, tem-se-lhe apurado a agudeza da percepção e accrescido a impressionabilidade do systema nervoso.

Lamarck, o precursor de Ch. Darwin na fundação da theoria do transformismo, havia já assignalado a influencia da acção do meio na transformação das especies animaes e, conseguintemente, do homem, modificando-o em suas disposições physio-psychicas. Applicado à historia das sociedades por Bagehot, Comte, Buckle, Taine e outros o processo critico-naturalista poude explicar certos phenomenos da vida humana até então mal comprehendidos em sua origem.

O methodo historico-naturalista vae instruir-nos do modo da formação do character cearense, contrastando a divergencia, que apontamos, entre o filho do Ceará e o typ nacional em geral.

Determinemos primeiramente a influencia do clima, d'um sol senegalesco muita vez, do aspecto geral da natureza das condições mesologicas emfim, que têm trabalhado na modelação do typ e da indole da população cearense. 'Neste solo excepcionalmente constituido, em pronunciada elevação sobre o nivel maritimo e violentamente açoitado por correntes aéreas, desenvolveu-se o homem lutando com as asperezas naturaes e esforçando-se por neutralisar-lhes os effeitos.

Fustigado pela necessidade de acercar-se de commodidades, 'neste embate de acções e reacções, creando artificios que tivessem decedido valor para resistir à pujança dos agentes physicos, o cearense foi avigorando o poder da vontade, a intelligencia, e adquiriu esse pendor caracteristico para as aventuras e facilidade de assimilação de todas as innovações, que se lhe apresentam. Producto do cruzamento de raças pouco adiantadas, como a portugueza, a aborigene e a africana, não possuia ainda o cearense, ha quatro seculos, o poder da civilização, da arte, que consegue utilizar em proveito do proprio homem as forças cosmicas, as leis da natureza e, muita vez, apagar traços climatericos. Quem conhece o processo ethnico da constituição da raça brasileira, não estranhará certamente que affirmemos que ha algumas centenas de annos o viver das populações deste recanto do Norte, era quasi primitivo, rudimentar. Era então a acção da intelligencia do homem quasi impotente sobre as leis physicas. A natureza retratou-se-lhe n'alma, imprimindo-lhe essa ardencia e impetuosidade que ainda hoje o assignala.

Vivaz apparece ainda em nossa memoria a lembrança do accidente climaterico que recentemente sitiou pela fome e a sede uma população inteira e deixou, em traços bem profundos, assignalada a sua passagem pela vida economico-social do Ceará. Foi a *secca*. Sem a humectação pe-

las aguas pluviaes o solo esterilisa-se, a vegetação deslha e em procura da estreita faixa de terra do littoral deslocam-se as populações centraes, empenhando-se então terrivel—a luta pela existencia. A natureza pouco antes tepida, risonha e eminentemente favoravel ao desabrochar da vida em todas as suas manifestações, apresenta 'nesta crise climaterica espectáculo estranho!

Como é sabido, a concurrencia vital é um dos factores mais importantes da evolução social.

Já evidenciámos a influencia do meio physico em geral; mostraremos agora, em rapido esboço, a contribuição da—selecção natural—resultante do conflicto vital, para a constituição do character cearense e especialmente da mulher.

Desde o seculo XVII, até onde alcança a historia do accidente natural—a *secca*—, tem se reproduzido em ordem regular, periodicamente, este phenomemo regido por lei immutavel talvez, mas ainda não estudada scientificamente. Determinando profundas e successivas mudanças nos diversos processos industriaes, usos e costumes do povo, activava as funções organicas e mentaes, do homem. D'ahi resultou o facto de observar-se no cearense notavel desenvolvimento intellectual e uma quasi hypertrophia da sensibilidade.

Bracejando com grandes difficuldades, arrastado no fluxo e refluxo de uma vida accidentada de perigos e aventuras dramaticas, em emigrações forçadas, obtinha essa energia caracteristica e vivacidade de imaginação que, em irisações fulgurantes, transloz na poesia natural dos cantos populares. Adaptando-se ao meio, conseguia resistir às forças geologicas conspiradas contra todo o principio de vida organica. Pela selecção depuravam-se as energias, triumphando os mais fortes.

'Nesse crescendo de aperfeiçoamento moral do povo cearense, accumulou a mulher principalmente novos capitais de potencia cerebral e flexibilidade de sentimento. Em concurrencia com o homem, nas phases de agitações physico-sociaes por que tem passado esta provincia, a mulher conquistou, por successivas accumulções, hereditarias qualidades superiores d'espírito, que habilitaram-n'a mais tarde a representar uma figura distincta na historia da civilização brasileira.

A aproximação mental e moral entre o homem e a mulher na sociedade moderna é um facto excepcional. No Ceará, onde a mulher revela uma privilegiada organização psychologica, isso verificou-se de modo admiravel.

ABEL GARCIA.

(Continua)

O BEM-TE-VI

Ficava logo à beira do caminho a cajaseira grande e ramalhuda, a cuja sombra tantas vezes descansara elle, inda rapaz, enquanto as moças internavam-se na basta ramaria até o lugar encoberto onde costumavam banhar-se.

Era alli que os rapazes da villa melhormente achavam occasião para entreter se no assumpto predilecto,—o outro sexo.

Emquanto esperavam a sua vez de tripudiar nas aguas puras do ribeiro, estendidos sobre a relva ou recostados ao tronco venerando, a despedaçar gravetos com os dedos ou fazer entalhes na casca secular, aventavam opiniões, communicavam projectos, contavam episodios, contando quasi sempre os nomes, que seriam de sobra conhecidos.

Somente a voz maliciosa do bem-te-vi, occulto na ramagem alguma vez intromettia-se na palestra e não raro acontecia vir bem a proposito o seu dito.

Era um intruso agradável e faceto aquelle passaro, que muita vez interrompera ja colloquios amorosos, assustando os ternos pares com seu grito sarcastico e indiscreto.

A's vezes um rumor alegre de muitas vozes coado utvarez da ramagem vinha até o ponto em que os rapazes esperavam; e o ruido que fazia a agua, batida com violencia pelos corpos em flor, evocava-lhes na idéa imagens abrasadoras.

A conversa arrefecia então e a phantasia trabalhava só.

De quando em vez, porém, ouvia-se estridente o grito da ave, que lá de cima, insinuante, maliciosa, bradava:

— Bem te-vi !

E accendia mais a irritação em cada um dos grupos. Da parte de lá soavam gargalhadas.

Quando uma vez, de volta dos cajús, elle conseguiu adiantar-se ao lado d'ella, distanciando algumas braças o resto do grupo e confessou-lhe o seu amor, balbuciando, suffocado, ella corou sem responder, com a vista baixa, depois ergueu para elle uns olhos languidos, languidos...

E seguiram calados algum tempo.

De subito, passando elles perto d'aquella cajazeira, o bem-te-vi soltou dos ramos o seu grito agudo.

Estremeceram. Soltaram-se as mãos.

E o canto d'aquelle passaro ficou-lhes na alma associada sempre a uma dulcissima recordação.

Muitos annos passaram, muitos.

Elle tornava agora àquella villa que deixara inda quasi adolescente.

Ganhara já muitos cabellos brancos, muitas decepções e alguma experiencia, da qual achava rara occasião para servir-se.

Viu a casa paterna, a igreja, o cemiterio. Viu muita gente, que deixara criança e nem o conhecia.

E a cada novo objecto, que encontrava e despertava-lhe uma recordação, dizia consigo:

— Tudo mudado !... Tudo !

Viu-a também. Que differença ! Custou a conhecê-lo, mas depois:

— Já se lembrava, sim, era verdade ! Oh ! conhecera-o muito, mesmo. Estava tão mudado !... Quanto tempo !...

E explicava ao marido que elle era filho do irmão do professor, aquelle que fizera a casa da esquina, defronte da matriz, e que se fôra depois empregar lá para o sul, com um parente, na côrte.

Conversaram muito das cousas d'aquelle tempo: a intriga do professor com o vigario, as eleições de 66, os tiros na casa do coronel, a fugida da filha do major com um sargento; lembraram-se do tempo da guerra, os voluntarios que foram embarcar e tantas cousas...

Tudo isso era dito com uns modos tão singelos, um sorriso tão natural ! ..

Sabiu d'alli pensativo; na memoria fervilhava-lhe um montão de cousas, em que não tinham fallado.

E mentalmente ia repetindo uma vez por outra:

— Tudo mudado !... tudo !

Sem pensar no que fazia, encaminhou-se pela estrada que ia ter ao rio. Tinham-n'a atterradado; estava mais larga, sulcada pelas rodas de muitos carros. Ao longe, do outro lado, avistou uma diligencia que se aproximava com grande tilintar de campainhas, levantando muita poeira.

Sobre o rio, na passagem, mesmo perto d'aquella arvore antiga, haviam construido uma ponte

de madeira, pintada de vermelho, que prestava ao lugar uns tons variegados, vivos.

— Tudo mudado !... tudo !

Mas no ramo da velha cajazeira—o bem-te-vi soltou ainda uma vez aquelle mesmo grito malicioso, penetrante, como si fosse uma aguda lamina que se lhe imbrisse no coração.

BRUNO JACA.



ORIGEM DA PALAVRA 'CEARÁ'

(Conclusão)

E' ponto tirado a limpo por Candido Mendes—que foram os Petiguáres, do Rio Grande do Norte, que deram-nos o nome de Ceará, quando pela primeira vez foram trazidos para o nosso territorio por Pedro ou Pero Coelho de Souza. Concordam o Sr. Catunda e o Sr. J. Brigido no seu *Resumo da Historia do Ceará*, pag. 1. Antes o nosso territorio era conhecido por *Pauiz do Jaguaribe*, somente.

Ora, os Petiguáres, que erão da raça tupica e por tanto da lingua geral, com certeza não se serviriam de um vocabulo que não de sua lingua. Por outro lado, quando descobrio-se o Brazil, referem Milliet e o Dr. Mello Moraes, *Corographia Historica do Brazil*, Tom. 2.º, pag. 378, os Cariris habitavam a cordilheira da Borborema nas serras, que reúnem a Parahyba com Pernambuco. Ahi foram encontrados pelos portuguezes, que depois lhes deram o nome de Cariris *velhos*, em contraposição á parte delles, que mais tarde viéram habitar o nosso valle do Araripe, hoje cidade do Crato, e que por isso ficaram seado conhecidos por Cariris-*novos*.

Não é crível que delles, habitantes do centro, da raça tapuya e, por tanto, inini-ga, viesse o nome ao litoral, habitado pelas tribus naturalmente mais intelligentes e presumidas, como descreve Magalhães, visconde de Araguáia:

Desses Tupis nós todos descendemos,
Tupinambás, Tamoyos, Tabajáras,
Guainás, Carijós e outros muitos,
Que por toda esta terra se estenderam
Sempre em frente do mar em guerra aberta
Có os Tapuyas, que o centro procuraram,
E que jamais comnosco paz quizeram.

(CONFIDERAÇÃO DOS TAMOYOS, C. 5, PAG. 145.)

Parece ao Sr. Capistrano de Abreu que *Ceará* foi dado primeiro ao nosso rio do que ao territorio, *ad instar do Ceará-mirim* no Rio Grande, no que estão de accordo Candido Mendes, Milliet, Pompêo, J. Brigidio, Catunda e Macedo, *Corographia do Brazil*, Tom. 2.º pag. 67; o que lhe dá margem e fundamento para nova interpretação.

Ainda sinto estar em desaccordo.

Quando os Petiguáres viéram ao nosso valle, o *Ceará-mirim* tinha o nome de *Baquipe*, como nos informa Gabriel Soares, obra citada, Cap. 9, ou de *Genipabú*, segundo Milliet; e o nosso rio *Ceará* o de — *Pirangy*, conforme o mappade Pero Coelho de 1603. Por tanto, não só o nome de *Ceará-mirim* como o de *Ceará* só foram dados pelos Petiguáres depois da sua chegada ao nosso solo. O contrario repugna até á razão. Como esses indios podião qualificar de *Ceará mirim* (Ceará pequeno) um logar ou rio antes de conhecerem outro maior ou grande? Duvido, por esta mesma razão, que elles chamassem maior o nosso rio, de cuja grandeza se pode fazer ideia pela noticia, aliás exaggerada e inexacta, que delle dá S. Rita Durão:

O Ceará, depois Provincia vasta,
Sem portos e commercio, jaz inculta,
Gentio immenso que em seos campos pasta,
Mais fero que outros o estrangeiro insulta.
Com violento curso ao mar se arrasta
De um lago do sertão, de que resulta
Rio, onde pescão nas profundas minas
As brazilicas perolas mais finas.

Caramurú, Cant. 6. Est. 73.

Pompêo já nem o menciona no seu *Compendio de Geographia* na hydrographia da Provincia, ao passo que dá o *Ceará-mirim* por um dos principaes rios do Rio Grande do Norte, com curso permanente. No seu *Ensaio Estatístico da Provincia do Ceará*, pag. 32, e *Dic. Top.*, dá-lhe pequeno curso durante o inverno, fazendo barra á duas legoas da Fortaleza, com um ancoradouro fundo, antigamente frequentado, hoje obstruido pelos bancos de areia.

Sobreleva que a mais antiga e constante tradição, attestada pelos documentos officiaes da maior valia, sempre deram á nossa Capitania a denominação de *Ceará-grande*, já traduzido para o portuguez *guacú* ou *jú*, o augmentativo por excellencia do indigena para as cousas corporeas ou vi-

siveis; da mesma maneira por que ainda hoje se diz — *Indarahy grande*, na Côte. Só o nosso vasto territorio, como sempre foi, podia merecer-lhes este qualificativo, o maior da sua lingua, e perfeitamente cabivel em relação ao territorio do Ceará-mirim, muitissimo menor.

Acceitas por ventura estas considerações, outra não menos importante deve selo igualmente; e vem a ser que nem sempre os indigenas applicavam aos rios nomes em cuja composição entrasse o vocabulo designativo d'agua, como parece a Capistrano de Abreu, lembrando aos interpretes o vocabulo *azu*, agua, da lingua Cariry. Uma rapida vista sobre a hydrographia da Provincia basta para resolver toda duvida deste ponto. Por exemplo: *Jaguaribe*, a maior bacia da Provincia, significa — *terra de onça*; *Caracú*, a segunda, — *buraco ou roça de garças*; *Quixeramobim* — *vaccagorda*, segundo Milliet, ou — *ah! meos outros temp s!* segundo o Dr. Martius; *Siupé* — *lojar de caça*, e outros muitos. Não fallo de *Sitiá*, que Pompêo, no seu *Ens. Est. cit.*, pag. 31, ora escreve *Sitiá*, ora *Satiá*; porque esta palavra, conforme a melhor tradição que pude recolher, nem indigena é: é o verbo portuguez *sitiar* com a queda da ultima letra pelo uso vulgar phonetico no Brazil. Nas cabeceiras deste rio, mais propriamente riacho, costumavam antigamente acoutarem-se malfeitores; *sitiar* estes era o maior empenho da autoridade, que assim conseguiu destroçal-os. D'ahi o nome ao logar e depois ao rio. Nas mesmas condições está *Quixossó* ou *Caxossó*, que não é sinão corruptella de *Caixa-só*, unico objecto que se achou de um roubo nesse logar, termo de Pereiro. Nem admira semelhante confusão; pois Alencar tambem na sua *Iracéma* dá Mecejana por indigena quando não é sinão o nome de um antigo logar, limite de Portugal com Hespanha; e Baptista Caetano, a autoridade mais competente de quantas tem tido o Brazil, chegou a dar *carapuça* por *abaneenga*, palavra essa já usada em portuguez na Carta de Vaz Caminha, descriptiva do descobrimento do Brazil por Cabral! (Vide *Ens. de Sciens.* Tom. 2.º, pag. 103, e *Gazeta Litteraria* do Rio, Tom. 1.º, pag. 348.)

Isto posto, já tardo em emitir minha opinião. Parece-me que *Ceará* compõe-se dos dous vocabulos da lingua geral — *çoo*, *soo* ou *suu* caça; de *dra* tempo, e da

partícula pospositiva *á*, com que o indígena dava mais força á expressão, significativa de um sentimento ou convicção forte, fóra do commum ; querendo assim dizer— *verdadeiro tempo de caça* ! A abundancia de caça no nosso litoral, nos tempos primitivos, é attestada por todos os chronistas ; devia, por tanto, impressionar agradavelmente o indígena, que d'ella vivia exclusivamente : —

Vagamos sempre, e nunca em firme assento
Nos deixam ter da *caça* os exercicios ;
Buscamos *n'ella* os proprios alimentos,
E habitamos onde *a ha* ou *della* indicios,
E estes são de ordinario os fundamentos
De occupar-nos em bellicos officios ;
Verás as gentes em continuo choque
Sobre a quem o terreno ou praia toque.

Caramurú, Cant, 3. Est. 63.

Muito commum tambem aos naturaes era esta expressão, que passou aos colonos, e de que ainda hoje usa-se geralmente : *tempo de inverno, tempo de verão, tempo de cajú, tempo de caça, etc.* ; em vez de — *estação do inverno etc.*

A orthographia *Siará*, usada primitivamente, ainda mais corrobóra esta interpretação, que dá caça, na versão indígena, tanto escripta com—ç (*çóo*), como com—s (*soo* ou *suu*) ; e ás vezes se encontra corrompida em *si*, como em *Siupé*, outras em *su*, como em *Sucatinga*. Em *l'eará* encontra-se a principio corrompida em *si*, depois em *ce*, como actualmente.

Esta interpretação dei-a depois de estudo calmo e reflectido. Si ainda não é a verdadeira, funda-se, pelo menos, nos mehores desejos de acertar.

PAULINO NOGUEIRA.

MARIA DE BARROS

Chamam — Maria de Barros—
A industriosa avesinha
Que faz de barro o seu ninho,
E o ninho é linda casinha.

I

Que amor tão doce, dedicado, immenso !
Quanto carinho no trocar dos beijos...
Que olhar de affecto, qu' innocentes risos,—
Num só resumem do viver—desejos !

Amam-se tanto ! Pede o amor um templo...
Um lar as nupcias,—morno berço o filho...
E eil-os cuidados...já é tempo... o ninho...
Contemplo a lida e a commoção partilho !

Que o mago sonho que me prende à vida
E' o lar... o berço—da ventura esteio...
Tamanha dita... qu' inda eu goze, vendo
Brincar meus filhos da consorte ao seio !

E o par amante de avesinhas meigas
Procura um ramo de seguro abrigo :
—Olha, menina, este é bom... tem sombra...
—Ora... é tão feio... meu querido amigo !

—Agora, agora, quero ver que dizes...
—Este recanto ?... Que lugar de monge !
—E o que desejas ?—Muita luz e flores...
«Aurora e regatos, linda vista ao longe !—

Doce portão, onde a affeição encontra
Gratos motivos d'um feliz desvelo !
Tambem, ai quando escolheremos juntos,
Mulher qu' eu amo... um lugarzinho bello ?...

Por fim combinam, preferindo alegres
Fronoso galho de mangueira annosa :
—Ora... aqui, sim ! murmurava a esposa,
Languida e terna, a suspirar ditosa.

Bonita estancia ! Qu'horizontes largos...
Em torno brotam perfumosas flores...
Um regatinho preguiçoso e puro
Perto soluça descantando amores.

Então começa com fervor a obra ;
Ambos piando a trabalhar contentes,
O barro escolhem,—seu biquinho prestes
Molha-o e amassa... Industriosos entes !

E' feita a massa e carregal-a devem...
Eil-o levando-a no biquinho agora !
Elle o servente, a amada noiva o mestre...
Minh'alma ao vel-os commovida chora !

—Olá, depressa ! —Brada o mestre rindo,—
«Traz capinzinho p'ra botar no harro...
—Oh, que vexame... temos tempo... é cedo !
—Meu vagaroso... como estás bizarro !

Carinhos trocam, cada qual mais doce :
—Olha o reboque... t'esqueceste... alizo ?
—Ai, deixa, deixa, qu'indireito eu mesma...
Logo se beijam desfolhando um riso !

Em breve surge do trabalho o fructo ;
Vê-se o castello—dos affectos ninho...
E ri-se alegre a natureza inteira
A casa vendo do gentil parzinho.

II

—Bons dias, linda senhora !
—Bons dias, nobres senhores !
—Quem 'nesto castello mora
«No meio de tantas flores ?
—E' de Maria de Barros
«Este palacio, senhores !

Os habitantes da selva
Perguntam, pela manhã,
E ufana responde à porta
A ditosa castella.

—Então, é vosso, senhora ?
—Meu, sim, oh nobres senhores !
—E' um palacio, princeza,

“Occulto pelos verdores !
Ella estremece e responde :
—Agradecida, senhores !
E namora o seu palacio...
A casa de seus amores !

E dizem todos no prado :
—Oh, que formoso sobrado
“Maria de Barros fez !
E ella em sua casinha
Descança na camarinha,
Passeia pela salinha,
A’ porta vae muita vez !
Ora ao lado do marido
Em seus olhos se mirando,
Ou n’ausencia suspirando
Quanta saudade... bem vês !

—Olá da casa !—Oh de fóra !
—O dono da casa está ?
—Já sabiu para o trabalho,
“Volte mais tarde, achará !

E chega a hora ditosa ;
Ella espera-o carinhosa,
Elle a encontra logo à porta...
Depois assentam-se à meza,
Sorrindo com singeleza...
A dura ausencia qu’importa !
Se elle conta conversando
As novidades de fora,
Ella lhe conta as da casa,
E apaixonada o namora !

De tarde vem os cantores,
Na hora do pôr do sol,
Passarinhos trovadores,
Que cantam desde o arrebol,
E nos ramos da mangueira
Entãoam canção fagueira
Louvando o novo solar :
—Dona Maria de Barros,
“Que nos ouvis da janella,
“Tua casinha é tão bella,
“Qual d’um poeta o sonhar :
“Dona Maria de Barros,
“Nós te viemos saudar !—

E ella ouvindo a fineza
Com seu esposo sorriu,
E voando os trovadores,
Quando a luz do sol fugiu...
Lhe disseram :—Bôa noite,
“Princeza d’estes verdores...
—Bôa noite, meus senhores !
Responde Maria, entrando
Na casa de seus amores !

III

Doce mysterio do viver das serras !
Um d’outro ao lado, repousando calmos,
Sem disabores...
Qu’importa em torno a escuridão medonha ?
Um Deus existe lá no ceo, que os guarda
Dos vis açores...

Rasguem-se as nuvens... não desfaz a chuva
Duras paredes do singelo templo
D’almo carinho ;
Desabe embora a tempestade em furias...
Cae o palacio--a habitação dos homens...
Não cae o ninho !

E surge o dia,—o venturoso instante,
Que tanto almeja o coração paterno...
De mãe o seio...

Mil-os, chegarani... que prazer nos laros...
Os filhos beijam... não se fartam nunca...
Que devancio !

Quantos cuidados... que mudança em casa !
Elle não pára... vae a selva e volta...
Desce à vertente...
Ella piando entre os filhinhos, terna,
Não cuida n’elle, não lhe sente a ausencia...
E’ mãe somente !

Era tão forte... e como fraca vê-se !
Tudo a amedronta... Pois não tem crianças ?...
Tudo a descora !
E’ mãe... só vive, porque vive o filho !
Ri-se com elle... mas se um geme acaso...
Ai, como chora !

Em breve,—pensa—os levará comsigo
D’alcova à sala, da casinha à porta,
Depois à relva !
Onde uns meninos mais galantes, onde ?
Iguaes—concede ! Mais bonitos, nunca
Verá a selva !

Santa vaidade... Coração materno,
Eu te admiro... te consagro cultos,
Amor sublime !
De mim que fóra nos vaivens da vida
Se me faltasses ? Me arrimaste sempre...
Eu era o vime !

E, pois, me enlevam d’esso amor as scenas !
Salve, casinha ! Eu vos saúdo, oh aves,
Enternecido !
Não vos conhece, quem não sabe amar-vos...
Vos ama o bardo, vos contempla à tarde,
Embevecido !

JUVENAL GALENO.

Milton, e as phases de sua vida

O que Homero é para os Gregos, Dante para os Italianos e Camões para os Portuguezes, é Milton para os filhos da gloriosa Inglaterra.

Um sabio italiano disse-o melhor em verso :

Grecia Mœonidem, jactet sibi Roma Maronem,
Anglia Miltonum jactat utrique parem.

Londres foi a patria do grande epico e o lugar onde morreu. Berço e tumulo. 9 de Dezembro de 1608 foi a data de seu nascimento e 8 de Novembro de 1674 a em que encerrou-se o curso de sua vida terrena.

A existencia de Milton, portanto, estendeu-se durante as epochas da mais transcendente importancia para a historia de sua patria, as lutas civis, que terminaram pela sanguinolenta catastrophe de Whitehall, os dias gloriosos de Cromwell, o governo tibio de seu filho, e a éra da restauração dos Stuarts.

Não nos acoimarão de errado si affirmarmos que traçar a historia do maior vul-

to que as letras inglezas offerecem depois de Shakspeare, o creador do theatro nacional, é desenrolar as tendencias da sociedade ingleza, as mudanças mais salientes por que passou um grande povo durante a mais séria das crises, que registram seus annaes.

A primeira parte da existencia de Milton estende-se por todo o reinado de Jaime I e comprehende os brincos da infancia e os esforços empregados para augmentar o cabedal de seus conhecimentos.

Entregava-se elle então com ardor sempre crescente á cultura das linguas estrangeiras, entre as quaes o grego e o latim em que foi profundamente versado, estudos que animavam e favoreciam as felizes disposições e riqueza de seu pae, o qual vigiava-lhe a educação com o mais assiduo e intelligente cuidado.

Não foi só ás letras que o futuro secretario de Cromwell dedicou o periodo de sua bem aproveitada juventude; as bellas artes mereceram igualmente muitas horas. A seu espirito já tão enriquecido, entre outras, como fôra para esperar do filho de um grande musico e compositor, como affirma o dr. Burney em sua *History of music*, a arte das melodias encontrou 'nelle um cultor favorito, em quem despertava transportes e a cujos olhos figurava os ceos como elle mesmo o diz em nobres phrases no *Allegro* e no *Il Penseroso*.

O seguinte periodo da vida do immortal poeta (1625 a 1640) comprehende sua entrada nos altos estudos da universidade de Cambridge, a sahida da universidade e os cinco annos de descanso na casa paterna em Horton, condado de Bukingham, onde seu estro poetico produziu *Il Penseroso*, *L'allegro*, *Arcades*, e *Comus* executado pela 1.^a vez em Ludlow Castle na noite de Natal em 1634; comprehende ainda seu passeio pela Italia (1638) onde por toda parte foi acolhido com honras e as mais significativas provas de admiração e de apreço, que lhe attrahia sua fama já então Européa.

O anno seguinte destinava elle a uma excursão pela Grecia, mas já então a Inglaterra se sentira dividida pelas crenças politicas e de religião, e, pois, o poeta abandonou o continente porque, como elle o disse, julgava uma vergonha viajar a cata de prazeres no estrangeiro, quando seus concidadãos lutavam encarnadamente pela li-

berdade.

De sua volta a Londres, d'onde sahira havia 15 mezes, até os dias de Cromwell vae a terceira parte de sua vida.

E' então que vem a luz o tratado sobre *Educação*, essa bella pagina em favor da liberdade da imprensa, que se chama *Areopagitica*, obra de amor e inspiração, na phrase de Disraeli, o *Eikonocláste*, resposta ao *Eikon Basilike* (a Imagem Real) que, segundo alguns, fôra escripto pelo proprio Carlos I e que é attribuido por outros, Toland por exemplo, ao bispo Dr. Gauden, e afinal sua *Defesa do povo inglez*, livro publicado para refutar as theorias que Salmasio, o successor de Scaligero em Leyde, expendera em sua *Defensio Regia*.

O livro de Salmasio tem por titulo *Defensio Regia pro Carolo I ad Carolum II, Parisiis 1650*, e a resposta *Joannis Miltoni Angli pro populo Anglicano defensio contra Claudii anonymi, alias Salmasii, defensionem regiam*. Londini 1661. Essa resposta foi condemnada á fogueira por dois decretos dos Parlametos de Paris e Tolosa, como outros livros do mesmo author foram declarados hereticos pela Universidade de Oxford em suas conclusões de 21 de Julho de 1683, pelo parlamento de Inglaterra e Igreja Anglicana.

Facto notavel! os proprios amigos de Milton, os republicanos, expungiram trechos magnificos de sua *History of the Long Parliament and Assembly of Divines*, que, todavia, conhecemos felizmente, graças ao conde de Anglesey, o edictor de *White lock's memorials*, o qual os publicou em 1681.

Por seu lado os Estados de Hollanda condemnaram a obra de Salmasio, que foi morrer acabrunhado em Spa em 1653.

A *Defensio* seguiu-se a *Secunda defensio pro populo Anglicano* em que é atacado Alexandre Moro, que Milton suppunha erradamente ser o auctor do livro *L'Amor regii sanguinis ad caelum adversus parricidas anglicos*, publicado em 1652 em Haya.

O verdadeiro author dessa obra foi Pedro de Moulin.

A rudesza de expressões de que se servem os lutadores da imprensa, os maus conceitos, as acrimonias, as allusões ferinas, de que lanção mão muitos dos modernos jornalistas, não constituem uma espe-

cialidade dos tempos que correm ; no arsenal das paixões humanas, não poucas vezes, foram os que nos precederam armarse também para sahir a campo.

Conhecemos as lutas apaixonadas de von Hutten e de Erasmo, o odio intolerante de Hermann von den Bussche contra Ortwin Grotius, um dos mais distinctos humanistas do seculo XVI, o illustre professor da Universidade de Cologne a quem os recentes trabalhos de Reichling acabam de reabilitar das calumnias das *Epistolæ obscurorum virorum* ; a controversia de Milton e de Salmasio igualmente encerra a prova d'aquelle nosso conceito.

Os dous representantes mais eminentes de duas escolas inimigas, os espiritos mais esclarecidos d'aquella epocha encandescente foram respigar no chão das tabernas os apodos com que rematassem uma discussão philosophica, posessem termo ás criticas, que originava um importante movimento social.

A que nivel descia o auctor do *Paradise Lost* quando cortejava os favores de Christina da Suecia, a principio protectora de seu adversario ! em que turbilhão se engolfou o interprete das coleras celestes, o cantor dos anjos rebellados !

Já então a luz dos seus bellos olhos quasi de todo perdera-se nas trevas de cegueira incuravel, o véo que estendia sobre elles a gota serena tornava-se de dia em mais espesso, de sorte que ao surgir a restauração, epocha que coincide com o 4.º cyclo de sua existencia accidentada (1660-1674) vamos encontrar-o não mais o grande cortezão, aquelle a quem rendiam preito as testas coroadas, os principes das letras e das artes, mas um velho alquebrado, cego, sem fortuna, sentado sobre as ruinas das crenças e das idéas a que dedicara os impetos generosos de moço, toda a riqueza de seu espirito e os sentimentos a irromperem a flux de uma alma de fogo.

Longe ião os dias felizes. A molestia e o curso dos acontecimentos fizeram-o segregado do publico e então de mais em mais tornaram-se intensas as saudades dos dias despreoccupados, que elle empregava em conversar com as Musas, como o *cego bardo da Meonia* e o *cego Themires, prophetas de outrora* e então a litteratura recolheu em seu seio duas perolas preciosas, o *Paradise Perdido* e o *Paradise Reconquistado*, extrahidas das sublimes narrações bi-

blicas. São essas as obras primas do cantor inglez, seus mais indisputaveis titulos a nome immorredouro de grande epico e epico christão.

De seu lado Joost von de Vondel ia por esses tempos beber nas mesmas origens os assumptos de suas tragedias religiosas ou classicas, de muitos de seus dramas, Lucifer entre outros. E' esse vulto eminente da historia litteraria hollandeza, que Edmundson apresenta como o inspirador do poeta inglez, opinião, que deu lugar a uma interessante controversia no Academy e Atheneum do anno passado.

E' a eterna questão da prioridade e do plagio.

Em relação ao proprio Milton apontam-se as producções de Andréini, exhumam-se até os hexametros latinos de St. Avitus (460—525) e o poema epico de Du Bartas (1544—1591) intitulado «A Semana da Creação» como as fontes, donde hauriu muitos de seus mais bellos pensamentos o filho poetico de Spenser, como Dryden chamava-o e elle proprio se confessava.

Não admira que o dente da critica mordesse o nome de Milton, quando na bibliotheca de um templo em Memphis, consagrado ao culto do Vulcano, Naucrates descobre os plagios do immortal Homero !

O *Paradise Perdido* foi publicado em 1667 e quatro annos depois o «*Paradise Reconquistado*», que, dizem, Milton considerava superior a aquelle, e o *Sansão Agonista*, ultima producção poetica «escripta, diz Newton, no espirito dos antigos e que iguala, sinão excede, a qualquer das melhores tragedias representadas no palco grego, quando a litteratura grega estava em sua gloria.»

Seu ultimo trabalho litterario foi uma *Declaração dos Polacos em favor de João III.*

Taes são á ligeira os traços biographicos do epico Inglez, contra cuja fama embalde se colligatão as iras dos Lauders de todas as litteraturas, indignos até mesmo das phrases masculas, que a indignação emprestou á penna classica de Babin-gton Macauley.

Dr. G. St.